

Que tipo de espírita somos nós?



Marta Antunes Moura

martaantunes@febnet.org.br

Resumo

Análise das diferentes categorias de espíritas indicadas por Allan Kardec e por outros Espíritos orientadores. Correlação entre os bons cristãos e os bons espíritas. O homem de bem.

Palavras-chave

Os adeptos do Espiritismo; os falsos espíritas; os bons espíritas e a sua atuação na sociedade.



As diferentes categorias de espíritas são apresentadas por Allan Kardec em *O livro dos espíritos (Conclusão*, it. VII), *O livro dos médiuns* (1ª pt., cap. 3) e na *Viagem espírita em 1862 (Discurso pronunciado nas reuniões espíritas de Lyon e Bordeaux*, it. I). Tal fato demonstra a preocupação do Codificador a respeito do destino do Espiritismo, como filosofia espiritualista revelada, que traz em seu bojo o propósito

de melhoria moral do ser humano, de acordo com as orientações do Evangelho de Jesus.

Os espíritas ou adeptos do Espiritismo formam categorias bem distintas (palavras de Kardec), assim especificadas:

1º os que creem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles, o Espiritismo é apenas uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos. Chamar-lhes-emos *espíritas experimentadores*;

2º os que veem no Espiritismo mais do que fatos; compreendem sua parte filosófica, admiram a moral daí decorrente, mas não a praticam. A influência da Doutrina sobre o caráter deles é insignificante ou nula. Não modificam em nada os seus hábitos e não se privam de um só prazer. O avaro continua sovina, o orgulhoso se conserva cheio de si, o invejoso e o ciumento são sempre hostis.

Consideram a caridade cristã apenas uma bela máxima. *São os espíritas imperfeitos*;

3º os que não se contentam em admirar a moral espírita, mas a praticam e aceitam todas as suas conseqüências. Convinco de que a existência terrestre é uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus breves instantes para avançar pela senda do progresso [...], esforçando-se por fazer o bem e reprimir seus maus penderes. Suas relações são sempre seguras. A caridade é, em tudo, a sua regra de conduta. São os *verdadeiros espíritas*, ou melhor, os *espíritas cristãos*.

4º [...] os espíritas exaltados. [...] O exagero é prejudicial em tudo. No Espiritismo ele incute confiança demasiado cega e frequentemente pueril, no tocante aos fenômenos do mundo invisível, levando a aceitar, com muita facilidade e sem verificação, aquilo que a reflexão e o exame

demonstrariam ser absurdo e mesmo impossível. O entusiasmo, porém, não reflete: deslumbra. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo [...]. Graças à boa-fé que os anima, são iludidos pelos Espíritos mistificadores e pelos homens que procuram explorar a sua credulidade [...].¹ (Destaque nosso).

Em cada categoria há graduações para mais ou para menos que, a despeito de a pessoa afirmar-se como espírita, suscitam dúvidas a esse respeito diante de certos comportamentos ou atitudes adotadas. O certo é que nem todas as pessoas que frequentam uma Casa Espírita ou que atuam como trabalhadores espíritas são, efetivamente, espíritas, como caracteriza a terceira categoria, a dos verdadeiros espíritas ou dos espíritas cristãos, para a qual devemos dirigir o foco dos nossos pensamentos, palavras e ações.

A questão de ser ou não ser espírita está, primeiramente, subordinada à importância da aquisição do conhecimento dos postulados doutrinários, em geral, obtidos gradualmente pelo estudo. Em segundo lugar, surge o desafio maior: aplicar a teoria à prática. Nesse contexto, o indivíduo passa a medir as consequências morais de seus atos, palavras e pensamentos em qualquer

situação e lugar. Com isso surge a convicção espírita:

Os meios de convicção variam extremamente, conforme os indivíduos. O que convence a uns, nada produz em outros; este se convenceu observando algumas manifestações materiais, aquele por meio de comunicações inteligentes, a maior parte pelo raciocínio [...].²

A convicção favorece o discernimento (ou bom senso, expressão usual de Kardec), bem como a correta interpretação dos fatos espíritas, em geral, e os mediúnicos, em particular, mesmo os mais corriqueiros. A falta de bom senso é encontrada, por exemplo, nas inúmeras mistificações e pronunciadas manifestações anímicas que transitam no Movimento Espírita, claramente indicativas do despreparo doutrinário, da escassez de autocrítica e de discernimento moral, não só dos médiuns, mas também das pessoas que divulgam tais mensagens, sem prévia análise. É necessário investir no bem, combatendo a ignorância intelectual e moral que grassa no nosso planeta. Manoel Philomeno de Miranda enfatiza, a propósito:

Certamente, quando se elevam os padrões mentais e morais no comportamento terrestre, fenômeno correspondente dá-se

facultando a inspiração superior e dignificadora, procedente daqueles outros enobrecidos, cujas existências terrenas foram verdadeiros evangelhos de feitos de amor e de abnegação.

[...]

Não obstante a liberdade de pensar e o livre-arbítrio para decidir, faculdade de que todos dispõem, é inevitável que o cultivo das ideias coloque-os em faixa vibratória correspondente, na qual outras mentes se fixam, dando origem ao intercâmbio, portanto, à inspiração mediúnica.

Cabe, desse modo, a cada um, como decorrência da sua sintonia mental, alterar o campo no qual situa as suas aspirações, porquanto “onde ponha os seus tesouros aí estará também o seu coração”, conforme o ensinamento evangélico.³

Sabemos que as provações existenciais são desafiantes, sobretudo nos tempos atuais da transição planetária, marcados por crises de toda ordem. Contudo, esse é o momento propício de revelarmos a nossa convicção espírita, tomando em nossas mãos as rédeas do nosso destino, buscando, na prece e no trabalho do bem, o controle sobre nós mesmos, como ensina Emmanuel:

Em verdade, o mundo se encontra em renovação incessante,

qual sucede a nós próprios, e, nas horas de transformações essenciais, é compreensível que a Terra pareça uma casa em reforma, temporariamente atormentada pela transposição de linhas e reajustamento de valores tradicionais [...].⁴

E prossegue Emmanuel:

Natural que a existência em si mesma, nessas ocasiões, se nos afigure como um painel torturado de paixões à solta.

Costumamos olvidar, porém, que o mundo é o mundo e nós somos nós. Entre o passageiro e o comboio que o transporta, há singulares e inconfundíveis diferenças. Se o veículo ameaça desastre, é possível que o viajante, dentro dele, se converta em ponto de calma, irradiando reequilíbrio.

Assim também, no planeta. Somos todos capazes de fazer cessar em nós qualquer indução à indisciplina ou à desordem. Cada qual pode assumir as rédeas do comando íntimo e estabelecer com a própria consciência o encargo de calafetar com a bênção do serviço e da prece todas as brechas da alma, de modo a impedir a invasão da sombra no barco de nossos interesses espirituais, preservando-nos contra o mergulho no caos, tanto quanto auxiliando aqueles que

renteiam conosco na viagem de evolução e de elevação.

Faze-te, pois, onde estiveres, um ponto assim de tranquilidade e socorro [...].⁵

O espírita sincero, convicto e verdadeiro, é, sobretudo, cristão, como assevera Allan Kardec: conhece e pratica a Lei de Amor ensinada por Jesus. Os bons espíritas não são simplesmente espíritas, meros seguidores ou adeptos da Doutrina Espírita, mas revelam uma compreensão que os distingue dos demais indivíduos, como destaca o Codificador ao explicar por que os *verdadeiros espíritas são cristãos*:

[...] O Espiritismo tem por divisa: *Fora da caridade não há salvação*, o que significa dizer: *Fora da caridade não há verdadeiros espíritas*. Concito-vos a inscrever, doravante, essa dupla máxima em vossa bandeira, *porque ela resume ao mesmo tempo a finalidade do Espiritismo e o dever que ele impõe*.⁶

Estes, vós bem o sabeis, são *verdadeiros espíritas*, os *espíritas cristãos*. Esta distinção é importante, porque explica as anomalias aparentes. Sem isso seria difícil compreender-se a conduta de certas pessoas. Ora, o que reza esta moral? Amai-vos uns aos outros; perdoai aos vossos inimigos; retribuí o mal com

o bem; não tenhais ódio, nem rancor, nem animosidade, nem inveja, nem ciúme; sede severos para convosco mesmos e indulgentes para com os outros. Tais devem ser os sentimentos de um verdadeiro espírita, daquele que vê o fundo e não a forma, que põe o Espírito acima da matéria; este pode ter inimigos, mas não é inimigo de ninguém, pois não deseja o mal a ninguém e, com mais forte razão, não procura fazer o mal a quem quer que seja.⁷

Persiste, então, a indagação inicial, oportuna para a nossa reflexão: *que tipo de espírita somos nós?*

REFERÊNCIAS:

¹ KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. 1ª pt., cap. 3, it. 28.

² _____, _____. it. 29.

³ FRANCO, Divaldo P. *Mediunidade: desafios e bênçãos*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 1. ed. 5. imp. Salvador, BA: LEAL, 2019. cap. 6 – *Perante a mediunidade*, it. Inspiração mediúnica.

⁴ XAVIER, Francisco C. *Encontro marcada*. Pelo Espírito Emmanuel. 14. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2018. cap. 3 – *Ante as crises do mundo*.

⁵ _____, _____. it. _____.

⁶ KARDEC, Allan. *Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Allan Kardec*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. reimp. Brasília, DF: FEB, 2014. cap. *Discursos pronunciados nas Reuniões Gerais dos Espíritas de Lyon e Bordeaux*, it. I.

⁷ _____, _____. it. _____.